

A Luta das Mulheres num Alentejo em transformação

Intervenção de Odete Borralho

Em nome do Núcleo do MDM do distrito de Beja uma saudação calorosa ao XI Congresso do MDM!!

Caras amigas!

Os desafios que estão hoje colocados à Luta da Mulheres num Alentejo em transformação são principalmente de duas ordens.

Ao nível natural e ambiental, temos em milhares de hectares do território a rápida e devastadora mudança da paisagem que passou de dourado a verde desmaiado, por conta das plantações de olival intensivo.

A nível humano temos o flagelo da escravatura moderna que coloca mulheres migrantes em redes de tráfico laboral e sexual.

A história da desigualdade social e de modo de produção agrícola repete-se, e reporta-nos a tempos que julgámos ultrapassados pelas conquistas de Abril e da concretização da Reforma Agrária e da emancipação das mulheres no Alentejo.

E hoje o que aqui vos reporto é mais um retrato de um país que não cuidou das conquistas de Abril e que em sua vez escolheu condenar o interior ao despovoamento e desertificação.

Difícil olharmos para este retrocesso civilizacional no Alentejo em que voltam os tempos do latifúndio e da exploração.

Chegaram os novos latifundiários com o nome de empresários agrícolas.

Chegaram, de forma rápida e eficaz com toda a legislação protetora dos grandes negócios.

E com a sua chegada veio a velha e repetida história: “não olhar a meios para atingir o lucro”.

Com as agravantes de que a maioria destes senhores empresários agrícolas não residem no Alentejo. A agricultura **não é a sua especialidade**. E a proteção do ambiente, da água, dos solos, da biodiversidade **não é a sua prioridade**.

E assim em nome do desenvolvimento económico são aplicados produtos químicos de forma descontrolada. Há restos de produção, como o bagaço da azeitona, que fecham a sete chaves aldeias inteiras, quando as fábricas, mal apetrechadas, entram em laboração.

Há mulheres e homens, que vêm para o nosso País à procura de uma vida melhor e que em sua vez encontram exploração. No rosto destes novos rurais o que encontramos é desalento e tristeza.

Vivem em casas superlotadas. São chamados de “colaboradores” e, note-se, não trabalhadores, de empresas de trabalho temporário. Trabalham e recebem, o que sobra da percentagem do intermediário e do valor do alojamento ou do colchão instalado numa cama, ou no chão, e que chega a valer 150 euros por mês.

Estes migrantes, são na sua maioria jovens, vivem amontoados em casebres, muitos sem água e sem luz, e quando se queixam ou o trabalho acaba, são postos na rua, sem nada.

E as mulheres migrantes que estão no Alentejo vivem em casas com dezenas de homens, podemos apenas supor o que será a sua vida.

Nos últimos meses sinalizámos várias mulheres timorenses que deixaram a sua terra, os seus filhos e companheiros para fugirem à fome e tentarem matar a fome dos seus que lá ficaram.

Quando as questionamos porque não vieram com os companheiros dizem-nos que assim é mais fácil conseguirem trabalho. Denunciamos estes casos por considerarmos que estas mulheres podem estar em redes de exploração sexual.

E por elas e outras fortalecemos a nossa Luta! E a intervenção do MDM no distrito de Beja. Como mulheres organizadas no MDM temos a responsabilidade da sinalização e denúncia destas situações de exploração laboral e sexual.

E termino, pedindo uma grande salva de palmas para as mulheres que lutam todos os dias, que não se resignam, e que continuam a acreditar que a igualdade é o lugar que todas merecemos e onde um dia vamos estar.

Viva a Luta da Mulheres!!!